

NOVAS ESTRATÉGIAS DE CONCEBER O ENSINO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL COM A PERSPECTIVA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

ALESSANDRA DIENDRY FONSECA¹

FABIANE FANTACHOLI GUIMARÃES²

RESUMO

A presente pesquisa tem como o objetivo geral desenvolver e avaliar um projeto organizado com crianças das séries iniciais da educação especial, com o intuito de investigar como uma metodologia ativa de aprendizagem pode favorecer a participação e o aprendizado significativo de alunos e alunas. Dentro do objetivo geral, especificaremos o levantamento histórico e bases teórico-filosóficas das metodologias ativas e das práticas pedagógicas baseadas no envolvimento e na participação de estudantes especiais e do ensino regular, para isto, é preciso registrar e analisar as ações docentes e discentes ao longo da história e analisar os desdobramentos e os resultados da utilização de uma metodologia ativa com crianças dos anos iniciais da educação especial, especialmente no que concerne à participação, aprendizado dos conteúdos curriculares e das questões éticas que permeiam o tema da pesquisa. Assim, a metodologia utilizará uma abordagem bibliográfica, fundamentada na reflexão de leitura de livros e trabalhos, bem como pesquisa de autores que contribui para o estudo da aprendizagem e desenvolvimento dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Palavras-chave: Participação discente; Metodologias ativas; Inclusão.

ABSTRACT

The present research has as its general objective to develop and evaluate an organized project with children from the initial special education series, in order to investigate how an active learning methodology can favor the participation and significant learning of students. Within the general objective, we will specify the historical survey and theoretical-philosophical bases of the active methodologies and the pedagogical practices based on the involvement and participation of special students and the regular teaching, for this, it is necessary to register and analyze the educational actions and students along of the history and to analyze the results and the results of the use of an active methodology with children of the initial years of the

¹ Pós-graduanda em Educação Especial Inclusiva, pelo Centro Universitário Cidade Verde - UNIFCV; Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campo Mourão - UNESPAR. E-mail: alessandra_diendry@outlook.com

² Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Pedagogia, Especialização em Psicopedagogia Institucional, Educação Especial, EAD e as Novas Tecnologias e Docência no Ensino Superior, Mestre em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias. E-mail: orientador04.ead@fcv.edu.br

special education, especially with regard to participation, learning of the curricular contents and the ethical questions that permeate the research theme. Thus, the methodology will use a bibliographical approach, based on the reflection of reading books and works, as well as authors research that contributes to the study of learning and development of students with disabilities, global developmental disorders and high skills or giftedness. Therefore, it is concluded that

Keywords: Student participation; Active methodologies; Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo está subdividido em cinco tópicos, em que no primeiro será abordada a base central de uma prática pedagógica interdisciplinar, no segundo e terceiro tópico será apresentada a relevância do tema abordado para a sociedade atual, e no quarto tópico aborda os objetivos desta pesquisa para que assim no quinto tópico apresente a metodologia em que será evidenciada apresentando os principais autores escolhidos para fundamentar o trabalho, encerrando com as considerações finais.

No presente artigo, desenvolve-se uma prática pedagógica, que se preocupa com uma formação humana integral dos alunos, ao contemplar tanto os conteúdos curriculares, em seus aspectos cognitivos, quanto uma formação em seus aspectos éticos, sociais e culturais na perspectiva da educação inclusiva.

Segundo tais princípios, o objetivo é planejar e desenvolver uma prática organizada com as séries iniciais da educação especial, com o intuito de analisar como uma metodologia ativa de aprendizagem pode favorecer uma maior participação e um aprendizado mais significativo. O intuito foi o de buscar alternativas às práticas transmissivas de conhecimentos escolares e promover uma maior participação dos(as) alunos(as) no processo de aprendizagem, conectando a escola com os problemas sociais e a vida dos(as) estudantes.

É uma prática de projetos, que tem como metodologia ativa, buscar envolver o(a) discente em seu processo de aprendizagem, com a intenção de problematizar concepções pedagógicas centradas na transmissão-recepção e desenvolver um ensino que contemple os eixos da instrução e da formação ética respeitando suas individualidades e especificidades.

O objetivo geral da presente pesquisa é desenvolver e avaliar um projeto organizado com crianças das séries iniciais da educação especial, com o intuito de investigar como uma metodologia ativa de aprendizagem pode favorecer a participação e o aprendizado significativo de alunos e alunas.

Dentro do objetivo geral, especificaremos o levantamento histórico e bases teórico-filosóficas das metodologias ativas e das práticas pedagógicas baseadas no envolvimento e na participação de estudantes especiais e do ensino regular, para isto, é preciso registrar e analisar as ações docentes e discentes ao longo da história e analisar os desdobramentos e os resultados da utilização de uma metodologia ativa com crianças dos anos iniciais da educação especial, especialmente no que concerne à participação, aprendizado dos conteúdos curriculares e das questões éticas que permeiam o tema da pesquisa.

Portanto, à metodologia utilizará uma abordagem bibliográfica, fundamentada na reflexão de leitura de livros e trabalhos, bem como pesquisa de autores que contribui para o estudo da aprendizagem e desenvolvimento dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

No atual cenário de transformações sociais e educacionais que caracterizam a contemporaneidade, podemos afirmar que a escola vive um momento de crise ou de ruptura. Na base desse momento identificamos uma tensão entre as necessidades de nossa sociedade no século XXI e um modelo educacional consolidado no século XIX – pautado na transferência de conhecimentos e que ainda prevalece em muitas escolas tanto na rede regular como nas redes de educação especial. Há, portanto, uma falta de sintonia entre o modelo pedagógico que frequentemente predomina e aquela formação que seria desejável para crianças e jovens contemporâneos (ARAÚJO, 2014; SIBILIA, 2012).

Para compreender os princípios educativos colocados em práticas, a educadora Helena Antipoff (1992), chegou ao Brasil em 1929, onde assumiu o cargo de professora de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, em que organizou o

laboratório de psicologia, e a partir disto, realizou pesquisas, cujo objetivo era conhecer “a conduta da criança, seus modos diferentes de reagir durante o trabalho escolar, ou mesmo durante o recreio” (ANTIPOFF, 1992c, p. 59). Depois de suas pesquisas a autora pensou em instituições que atendessem os alunos ditos especiais, pois, as escolas regulares não atendia às necessidades das crianças, justamente por não incorporar os princípios científicos preconizados pela pedagogia experimental.

O conhecimento da criança era, para Helena Antipoff, algo complexo e nenhum método deveria ser utilizado isoladamente, desde então, surgiu a aplicação de vários testes e a contraposição dos resultados com a observação direta da criança, pois “onde a observação coincide com o teste, o diagnóstico é mais seguro” (ANTIPOFF, 1992d, p. 128). Com essas investigações, além de subsidiar a implantação das classes homogêneas, tinha como intuito de fornecer parâmetros para avaliação anual dos alunos e, em última instância, aplicar os princípios da escola ativa, apresentados nos termos da Reforma de Ensino. A partir disto seu trabalho foi atuar na criação das instituições para receber essas crianças consideradas “excepcionais”, retirando-as do sistema de ensino oficial regular, sob a justificativa de que a escola era responsável pela não adaptação dessas crianças.

Em 1932, Helena criou a Sociedade Pestalozzi, associação civil que centralizou as ações direcionadas aos “excepcionais” em Belo Horizonte, buscando viabilizar outras instituições educacionais, a saber: o Pavilhão de Natal (1934), o Instituto Pestalozzi (1935) e a Fazenda do Rosário (1940). Após a criação destas instituições próprias para o atendimentos das necessidades dos alunos, precisava-se de professores capacitados e especializados a atender este público.

Ao detectarmos a necessidade de repensar a escola na sociedade contemporânea, não desconsideramos o valor de conservação da instituição construída socialmente para trabalhar com crianças, jovens e adultos os saberes herdados de nossos antepassados. À escola cabe, sem dúvida, um duplo papel, que envolve simultaneamente a tradição e a inovação. Tendo tais pressupostos em mente, entende-se que nossas escolas devem se encarregar de preservar os conhecimentos historicamente herdados e, igualmente, regenerá-los e atualizá-los. A conservação não exclui o novo e o que buscamos com nossa pesquisa é o equilíbrio entre a tradição e a inovação, almejando um desenvolvimento humano integral, que contemple tanto os conteúdos curriculares quanto atenda às

necessidades dos alunos, havendo uma formação ética adequada aos desafios que vivemos atualmente (ARAÚJO, 2014).

As pesquisas de Helena Antipoff no ensino mineiro, destacou alguns problemas, como: a orientação profissional da criança onde não ocorria nas escolas; a formação física; moral e intelectual incompleta das crianças ao saírem da escola primária; o problema das crianças “em perigo moral”. De acordo com Helena, as crianças indisciplinadas, desequilibradas, que apresentavam perturbações de caráter e anti-sociais, não constituíam exceções nos grupos escolares, “vimos bom número de fichas psicológicas dessas crianças, como tivemos pessoalmente trato com elas” (ANTIPOFF, 1992h, p. 57).

Para a Helena Antipoff (1992), esses problemas estariam relacionados à duração da escolaridade, pois, comparada com outros países era menor, portanto, seriam resultado do próprio sistema de ensino, assim, fazendo uma crítica à pedagogia tradicional, e conclamou a pedagogia experimental, baseada na experimentação contínua, na busca de meios adequados para atender as necessidades dos alunos a viver em harmonia consigo mesmo e com a sociedade na qual estava inserido.

Jamais a educação se tornará a cura que dela espera a sociedade e os governos para diminuir, num futuro mais ou menos próximo, o rebotinho humano miserável, que enche os hospitais, os manicômios, as prisões, se ela não abandonar o mais depressa possível seu diletantismo superficial e não se transformar numa arte precisa aplicada ao melhoramento da raça humana e munida dos meios que lhe forja a ciência, que nunca se cansa de as aperfeiçoar (ANTIPOFF, 1992, p. 49).

Para a autora, evidencia que os novos métodos de ensino propostos pela Reforma Francisco Campos não se efetivaram nas escolas como um todo. Sendo assim a permanência dos métodos antigos, considerados por ela inadequados, juntamente com a pouca duração da escolaridade obrigatória, eram os responsáveis pelo problema da criança “em perigo moral”. Diante dessas inquietações e do desejo de repensar a escola, é essencial refletir sobre a tensão existente entre as características da sociedade contemporânea e o modelo pautado na transmissão do conhecimento. Mas quais são as características desse modelo, desenhado em meados do século XIX, e porque ainda prevalece em muitas escolas?

Para termos uma ideia de como se organiza o modelo educacional baseado na transmissão de conhecimentos, basta pensarmos em uma sala de aula típica do século XIX: alunos excluídos, carteiras enfileiradas e afastadas, um(a) docente à frente da turma, visto como detentor(a) do conhecimento e com o monopólio da palavra, geralmente, é ele(a) quem decide o que fazer e as(os) alunas(os) executam (BECKER, 2012). Essa forma ainda é predominante em muitas escolas, está baseada em um modelo pedagógico que podemos denominar “diretivo” (BECKER, 2012) ou “exógeno” (CASTRO, 2001). Nesse modelo:

O ensino é concebido como algo que vem de fora para dentro (posição exógena), como a entrega de bens culturais aos alunos, pela sociedade e seus representantes: os educadores. Corresponde à ideia de “passar” ou “transmitir” algo ao aluno, que a linguagem comum aceita na popular ideia de “dar aula” (doar, entregar). (CASTRO, 2001, p. 22, grifo do autor).

A partir do exposto podemos nos perguntar: Os alunos que estudam por esse método estão aprendendo? Como eu quero que meu aluno aprenda desta forma? Porque meu aluno não está aprendendo? Diante disso, o clima da sala de aula distancia-se do processo de ensino aprendizagem que almejamos. Para a solução destas respostas, precisa-se pensar em “estratégias com novas metodologias” sendo uma forma de trabalho diferente dos “programas curriculares”, que tradicionalmente são a base do trabalho escolar.

O programa curricular, muitas vezes, não proporciona abertura para as novidades que surgem e pode engessar as ações docentes, dificultando a participação dos(as) estudantes. A estratégia na metodologia, permite aos docentes e estudantes realizarem escolhas, não se trata de abolir as ações previamente planejadas, mas ampliar o as possibilidade de aprendizado.

Com a criação das instituições especiais, onde se trabalha com o público diferenciado, a metodologia é centrada no aluno em que torna-se objeto de estudo, pois é preciso conhecê-lo, entendê-lo, para seguir o caminho certo. Para isso os professores aptos para esta função deve-se trabalhar com conteúdos condizentes a realidade do aluno, conhecer a realidade para encaixar os conteúdos e trabalhar de forma que atenda as necessidades e explore os conteúdos. Dessa maneira, a escolarização deve ser entendida para além do trabalho com conteúdos escolares. Nas palavras de Freire, “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as

possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1997, p. 52). O desejo é substituir a dependência e a submissão que o modelo de transmissão-recepção pressupõe e dar lugar à autonomia e ao trabalho conjunto entre docentes e discentes.

Vale frisar que durante todo o desenvolvimento do aluno é imprescindível que haja um “guia”, um(a) professor(a), que auxilia os alunos, não antecipa as soluções e respostas aos alunos, durante o processo deve avaliar e organizar o tempo necessário para que a aprendizagem ocorra. Esse é o caminho valorizado na estratégia de projetos e é esse o percurso muitas vezes desconsiderado pelos programas rígidos, que frequentemente não deixam espaço para a participação efetiva dos(as) alunos(as).

A estratégia de projetos é um trabalho aberto a imprevistos, que possibilita uma maior participação discente e permite dar sentido ao conhecimento disciplinar e ao aprendizado, relacionando os conteúdos com a realidade vivenciada dos alunos, respeitando a individualidade e as especificidades. A estratégia de projetos, como metodologia ativa de ensino, é um das possibilidades existentes hoje no cenário dos novos paradigmas em educação e que pode ajudar a repensar a escola. Com a presente pesquisa, busca-se demonstrar que o trabalho com projetos na escola pode ajudar a encontrar um sentido para o conhecimento disciplinar, baseado na busca de relações entre os conteúdos e problemáticas reais, em uma ação educativa que não desconsidera o papel de planejamento docente, almeja uma formação humana integral e vai além da transmissão de conhecimentos (ARAÚJO, 2014).

Esta prática de projetos na escola permite que alunos e alunas participem ativamente do trabalho em sala e desenvolvam o diálogo entre docente e discentes, ajudando a superar a dicotomia que geralmente se estabelece na relação professor-aluno. É de grande importância saber que por um lado o projeto depende das inquietações, das perguntas do cotidiano, do interesse e do envolvimento das(os) alunas(os), por outro lado, um projeto somente segue adiante se o(a) professor(a) relaciona as perguntas e inquietações dos alunos aos conteúdos a serem trabalhados. Assim, além de atuar planejando e promovendo a relação entre o conhecimento escolar e o tema do projeto de relevância estudado, a estratégia de projetos proporciona uma oportunidade do professor aproximar a escola aos atuais desafios e necessidades da sociedade contemporânea.

Com a implementação da estratégia com projetos em sala de aula em salas especiais possibilitam aos alunos maior condições de aprendizagens para e pode ser aplicado em qualquer ambiente, principalmente para conhecer o aprendizado do aluno. Helena Antipoff, utilizou métodos estudados através dos trabalhos manuais, para aplicar nos alunos. No primeiro Instituto Pestalozzi, o trabalho manual também foi alvo de atenção.

Chegamos a considerá-lo matéria educativa de primeira grandeza. Encaramos o trabalho manual não só como um meio de ensinar aos nossos alunos técnicas úteis para sua vida de adultos, mas como uma fonte de revelações para o seu mais profundo conhecimento e como um instrumento poderoso para a sua formação, intelectual, social e moral (ANTIPOFF, et al., 1958, p. 21).

Desde o início das atividades do Instituto, contava como atividades no programas, além das matérias escolares e dos exercícios de ortopedia mental, com o ensino de trabalhos manuais, havia o ensino técnico-profissional das oficinas e o trabalho doméstico, sendo este último “provocado pela necessidade, pois o Instituto Pestalozzi não contava, entre seu pessoal, nenhum servente para limpeza da casa e outros serviços caseiros” (ANTIPOFF et al., 1958, p. 22). Tais serviços domésticos foram distribuídos em modalidades, em que exerciam maior força muscular, inteligência e habilidades.

Em 1962, nos primeiros anos de observação do funcionamento da Fazenda do Rosário, Helena Antipoff, resumiu as atividades “[...] Localizadas em sítios e chácaras, oferecia o internato a seus alunos vários campos de ocupações produtivas e educacionais a uma só vez [...]” (ANTIPOFF, 1992q, p. 275). Nos diários analisados evidenciaram que, para os alunos, essas atividades realizadas não eram produtivas e, muito menos, educativas. Os alunos não tinham aptidões para os trabalhos no campo, nem preparo físico para tanto; não estavam ali por vontade própria, as atividades escolares ficavam em segundo plano, pois eram realizadas após os horários de trabalho; não havia um local específico para ministrar as aulas; este mesmo tratamento era dispensado a todas as crianças, fossem “maiores” ou “menores”, “excepcionais orgânicos” ou “sociais”; todos os alunos eram obrigados a fazer um rodízio pelas atividades de limpeza, lavoura e da jardinagem. Neste sentido Helena Antipoff (1992), esclarece para quem essas ocupações eram produtivas.

A assistência ao ser humano infranormal, fraco e desajustado, na coletividade civilizada, não é somente uma prova moral de solidariedade, em que o homem são e forte presta seu auxílio em nome dos princípios perenes de respeito à pessoa humana – é também fruto da convicção de que servindo à criança mesmo que consideravelmente diminuída no seu potencial psíquico por fatores hereditários ou pela ocorrência de acidentes da primeira infância – se realiza uma obra eficiente ao serviço da sociedade (ANTIPOFF, 1992o, p. 140).

Como dito acima, o atendimento aos ditos “excepcionais” representava à sociedade um eficiente serviço moralmente, com intuito de adapta-los aos padrões sociais e não se transformassem em “rebotalho humano miserável, que enche os hospitais, os manicômios, as prisões” (ANTIPOFF, 1992l, p. 49). Para favorecer a sociedade em que vivem, prevalecia a importância dessa formação moral dos alunos “excepcionais”. Além disso, a assistência aos “excepcionais” prestava um serviço à sociedade na medida em que os preparava para serem aptos para o trabalho, para que pudessem sobreviver independentes da ajuda do Estado e da sociedade.

Portanto, com a criação das instituições pensadas para os alunos especiais, evidenciadas por Helena Antipoff, buscava atender aos alunos excepcionais, estas instituições se estende até nos dias atuais nos quais busca-se cada vez mais métodos eficazes para se trabalhar com os alunos, deve haver constante intervenção e planejamento docente que vivenciam com o desenvolvimento da pesquisa, deste modo, serão fundamentais para transformar o interesse das crianças e adultos em um trabalho pedagógico que envolva aos estudantes no processo de aprendizagem. Isso demonstra que o interesse, por si só, não é sinônimo de participação. As inquietações e o envolvimento dos(as) alunos(as) precisam ser organizados pelo(a) docente e apresentados de maneira desafiadora, com metodologias diversificadas que mobilizem o aprendizado em torno de temas que possuem relevância para a formação como um todo.

Com isso, a prática de projetos ajudará a pensar nas formas de superar o ensino transmissivo e contemplará o duplo papel da escola, conservando a herança cultural de saberes e valores historicamente produzidos pela humanidade e proporcionar a criação de novos saberes, essenciais para o enfrentamento dos desafios da sociedade contemporânea.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo o objetivo foi desenvolver, metodologias diferenciadas para se trabalhar com alunos especiais, tal metodologia que pudesse abordar os conteúdos curriculares relacionando-os com a vivência do cotidiano dos(as) alunos(as) para buscar uma formação integral, em valores e sem exclusão. Um dos pressupostos utilizados é o de que a escola tem por objetivo trabalhar com dois eixos: a instrução nos conteúdos e a formação ética de crianças, jovens e adultos.

É importante ressaltar a trajetória de Helena Antipoff no ensino da capital mineira nas décadas de 1930 e 1940 e como surgiu as motivações que levaram à criação de instituições para receber aqueles alunos considerados “excepcionais”. Como foi dito era a própria organização do ensino que não atendia às necessidades dessas crianças e por isso a precisava-se de instituições específicas para atendê-las.

Munidos de vasta documentação histórica, compreende-se as instituições criadas por Helena Antipoff, onde foca-se nos princípios pedagógicos colocados em prática nessas instituições. Adotamos, como referencial teórico, o Materialismo Histórico, na leitura dos Basaglia (1977), que discutem, numa perspectiva gramsciana, a função dos intelectuais e das instituições.

Consciente da crise de paradigmas que assola as ciências de um modo geral, temos dimensão das críticas que incidem sobre essa perspectiva de análise. Com o apoio das pesquisas bibliográficas apresentam a adoção do trabalho como princípio educativo e a forma como esse princípio foi colocado em prática, demonstra o caráter unilateral da abordagem institucional.

Por fim, identifica o trabalho com a essência humana, pois a primeira ação histórica do homem foi a produção da própria vida material, portanto, sem o trabalho a vida não subsistiria; desta forma é necessário que o professor auxilie o aluno em suas dificuldades e explore as habilidades, pois, com a devida estimulação os alunos desenvolvem-se e se aperfeiçoam chegando ao ensino superior e entrando no mercado de trabalho, para isso deve-se haver pesquisas e estudos de metodologias que abranje todos os alunos da sala de aula.

Com a presente pesquisa, acredita-se ter exemplificado que o trabalho com projetos na escola pode ajudar a encontrar um sentido para o conhecimento disciplinar e para o aluno especial, baseado na busca de relações entre os

conteúdos e problemáticas reais, em uma ação educativa que não desconsidera o papel de planejamento docente, almeja uma formação humana integral e vai além da transmissão de conhecimentos.

Como é afirmado na pesquisa, as inquietações e o envolvimento dos(as) alunos(as) precisam ser organizados pelo(a) docente e apresentados de maneira desafiadora, com metodologias diversificadas que mobilizem o aprendizado em torno de temas que possuem relevância para a formação do aluno.

Conclui-se que a prática de projetos ajuda a pensar-se formas de superar o ensino transmissivo e contempla o duplo papel da escola, conservando a herança cultural de saberes e de valores éticos historicamente produzidos pela humanidade e proporcionando a criação de novos saberes, essenciais para o enfrentamento da exclusão presente no ensino regular e dos obstáculos empregados pela sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ANTIPOFF, H. **A Experimentação Natural: Método Psicológico de Lazursky**. In: CDPH (Org.). Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1927 - 1992a. 1v.

ANTIPOFF, H. **Psicologia Experimental – Década de 1930**. In: CDPH (Org.). Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff – Psicologia Experimental. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1930- 1992c. 1v.

ANTIPOFF, H. **A Formação Física, Intelectual e Moral das Crianças ao Saírem da Escola Pública Primária de Belo Horizonte**. In: CDPH (Org.). Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff – Fundamentos da Educação. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1932 - 1992g. 2v.

ARAÚJO, U. F. **Temas transversais, pedagogia de projetos e mudanças na educação**. São Paulo: Summus, 2014.

BECKER, F. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. In: BECKER, F. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 13-30.

CASTRO, A. D. O ensino: objeto da didática. In: CASTRO, A. D.; CARVALHO, A. M. P. (org.). **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média**. SP: Thomson, 2001.

FCV. Faculdade Cidade Verde. **Manual de Normas para Elaboração de trabalho de conclusão de curso-TCC**. Maringá: FCV, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.